

Apresentação do dossiê “Marxismo e relações internacionais”

CAIO BUGIATO E ANA GARCIA*

A influência nas ciências humanas do pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels e de seus partidários e suas partidárias ao longo da história não pode ser ignorada, mesmo por seus mais ativos críticos. Em História, Sociologia, Economia, Linguística, entre outras, foi intensa a contribuição dos marxistas para a epistemologia, a ontologia e a teoria destas áreas. Contudo, o mesmo não ocorre na área de Relações Internacionais (RI), no Brasil e no exterior. As RI, compreendidas tradicionalmente como relações (em geral conflituosas) entre Estados em um sistema internacional anárquico, foram sistematicamente distanciadas do pensamento inaugurado pelos fundadores do socialismo moderno.

Tal distanciamento tem motivos variados e controversos: a origem das RI no início do século XX, como área do conhecimento científico, nas universidades britânicas e estadunidenses, não foi impactada pelo marxismo, oriundo da filosofia clássica alemã e do movimento dos trabalhadores europeus, ou seja, de fora da academia; a consolidação institucional da área de RI no Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, no período da Guerra Fria, e portanto a aversão ao marxismo, identificado com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS); as duvidosas críticas de autores e autoras das correntes de pensamento dominantes na Ciência Política e nas Relações Internacionais segundo as quais o marxismo não teria nada a dizer sobre as relações internacionais, pois seria uma teoria economicista – que reduziria os fenômenos da política internacional à dinâmica da economia

* Organizadores do dossiê. Professores de Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mails: bugiato@gmail.com e anasaggiore@gmail.com.

capitalista – , não teria uma teoria sobre o Estado – o principal agente das relações internacionais – e seria uma perspectiva simplesmente normativa – preocupada com a utopia socialista e incapaz de realizar análises da realidade concreta.

Transversal a todas essas explicações está uma ideologia que permeia a sistemática exclusão do Marxismo como teoria explicativa dos fenômenos internacionais. Assim, entendemos que, tal como a luta de classes na sociedade capitalista, a marginalização do marxismo expressa uma luta de ideias entre defensores e oponentes do capitalismo. Ademais, as críticas demonstram desconhecimento sobre o vasto campo que é o marxismo e suas variadas contribuições acerca das relações internacionais. Algumas críticas, inclusive, não citam ou fazem referência aos estudos marxistas, sobretudo ao se referir a Marx e Engels, que supostamente teriam permanecido alheios às questões da política internacional. Ocultam os copiosos estudos de Marx e de Engels sobre o tema. Ao mesmo tempo, ao tratar da teoria leniniana do imperialismo (quando é abordada), apresentam-na de forma caricata em manuais de teoria de relações internacionais publicados no Brasil e no exterior.

Com este dossiê, vamos ao encontro dessas perspectivas e trazemos à tona contribuições teóricas do marxismo sobre as relações internacionais, ignoradas ou desconhecidas por estudiosos e estudiosas da área de RI e também do próprio Marxismo. Para realizar esta tarefa, selecionamos artigos apresentados no Colóquio Relações Internacionais e Marxismo, realizado no Rio de Janeiro entre novembro e dezembro de 2016 por professores e professoras do Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (LIERI/UFRRJ) e do Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra Hegemonia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEHC/UFRRJ). A seleção de artigos para este dossiê priorizou contribuições teóricas para a área de RI.

O primeiro artigo, de autoria de Muniz Ferreira, faz uma leitura historiográfica e trata dos textos de Marx e Engels publicados em jornais da época, expondo a debilidade das críticas à dita ausência da abordagem sobre o internacional no pensamento marxiano e engelsiano e afirma a riqueza das análises dos dois companheiros como estudiosos das relações internacionais. O segundo artigo do dossiê, de autoria de Leonardo Leite, propõe uma reinterpretação do imperialismo, a partir das teorias marxistas do imperialismo e do valor. Leite defende que o fenômeno do imperialismo aparece em várias roupagens que são distintas formas de manifestação, o que é evidenciado pelo que o autor denomina de ondas de teorizações. Porém, uma determinação oculta mostra a essência do fenômeno: a transferência internacional de valor. O terceiro artigo, de autoria de Luiz Felipe Osório, parte do debate alemão sobre a derivação do Estado e apresenta as reflexões de um dos seus maiores expoentes, Joachim Hirsch. Osório enfatiza a importância da teoria marxista sobre o Estado para o estudo das relações internacionais e o caráter do imperialismo como marco constitutivo do capitalismo em escala global, elementos presentes no pensamento de Hirsch. Este contribui para o entendimento das RI

ao conceber o capitalismo mundial como a dinâmica da acumulação do capital imbricada com a fragmentação do mercado mundial em unidades singulares – os Estados nacionais. Por fim, o quarto artigo, escrito por Marina Scotelaro, Leonardo Ramos e Rodrigo Teixeira, trata do pensamento de David Harvey. Os autores indicam o avanço teórico promovido por Harvey acerca do conceito marxiano de acumulação primitiva, o qual não seria apenas elemento fundante do modo de produção capitalista, mas sim elemento essencial para a reprodução contínua e ampliada dos processos de acumulação capitalista em escala mundial. Esses processos, a acumulação por despossessão, estão no cerne do novo imperialismo, que na fase neoliberal do capitalismo empreende novas etapas expansionistas por intermédio de práticas dispersas numa geografia desigual.

Este dossiê, ao abordar autores clássicos e contemporâneos, pretende colocar o marxismo como teoria distinta e notável, na área de RI, para a análise das relações internacionais.

Rio de Janeiro, agosto de 2017